

EDITORIAL

Nesta primeira edição de 2017 da Revista *Produção Acadêmica*, volume 01, número 01 de 2017, estamos publicando 08 artigos. Os artigos possuem temas diversos e com concepções distintas, produzidas por autores de várias universidades brasileiras. Este é um fator que enriquece os debates e traz diversas interpretações.

É importante destacar que a presença de autores de distintas instituições enriquece e valoriza ainda mais a revista e com isso aumenta cada vez mais nosso trabalho e nossa responsabilidade.

No primeiro artigo, **REBELDIA E BARBÁRIE: CONFLITOS SOCIOTERRITORIAIS NA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO**, da autora Patrícia Rocha Chaves - Universidade Federal do Amapá (Unifap), apresenta um estudo sobre a região do Bico do Papagaio-Tocantins, sobre os inúmeros conflitos e sobre os mais variados sujeitos que a luta pela terra e território já configurou neste momento histórico na região, através das estatísticas registradas no Caderno de Conflitos no Campo, e de levantamentos documentais organizados pela CPT- Comissão Pastoral da Terra, sendo sistematizados e mapeados os variados tipos de conflitos que ocorrem naquela região – 111 municípios localizados nos estados: Maranhão, Tocantins e Pará.

Marcelo Melo dos Santos e Fernando Michelotti (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA - Campus de Marabá – PA) no texto “**VERTICALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO MINERAL NO SUDESTE PARAENSE: CHANTAGEM LOCACIONAL E IMPACTOS SOCIOTERRITORIAIS E AMBIENTAIS**”, analisam as estratégias de diferentes agentes face as tensões geradas no processo de implantação de um grande projeto siderúrgico no município de Marabá, Sudeste Paraense. Essas estratégias são reveladoras de interesses conflitantes entre esses agentes e de relações assimétricas de poder entre eles.

O texto **TERRITÓRIOS TRADICIONAIS E REPRESENTAÇÕES LOCAIS: VIDAS ATRAVESSADAS**, de autoria de Eguimar Felício Chaveiro Universidade Federal de Goiás (UFG), discute sobre os territórios tradicionais, especificamente os indígenas do

Brasil e do Cerrado goiano evidenciando eu os mesmo sofrem, atualmente, diferentes atravessamentos. Esses atravessamentos criam pressões, tensões, conflitos e compõem os povos indígenas a desenvolverem táticas de vida que culminem em negociações territoriais. E assim, a construção de usinas; os títulos minerários; a grilagem de terras; a pressão de pastagens, de lavouras de soja, assim como do turismo, inclusive da pesquisa científica, geram, num só termo, dilapidação do patrimônio natural e cultural dos povos indígenas, como inscrevem ações de seu aliciamento.

Neste artigo, *POR UMA EDUCAÇÃO CAMPONESA*, João Edmilson Fabrini (Unioeste e UFGD), o autor apresenta que apesar dos movimentos sociais considerarem a educação do campo como educação camponesa, a perspectiva de espaço-campo indica uma generalização, pois não distingue os diferentes e antagônicos sujeitos presentes no campo. Nesse sentido, considerando-se uma perspectiva classista, o autor indica que emerge a necessidade de lutar “por uma educação camponesa” e não necessariamente por uma educação do campo.

O autor Émerson Dias de Oliveira (UNIVALE) do texto “*COOPERATIVISMO E RESPONSABILIDADE SOCIAL COMO ESTRATÉGIA DE CRESCIMENTO LOCAL*”, esboça uma análise teórica pautada em pesquisas bibliográficas e com uma conjectura doutrinária da responsabilidade social corporativa nas empresas contemporâneas. O autor, ciente que estes estudos pairam com distintos entendimentos ideológicos, alinha sua discussão em proposições que encenam para uma realidade em que o ambiente fora da extensão organizacional se insere com efetividade burocrática e operacional, ou seja, nas fendas e barreiras simbólicas que ainda acontecem na relação empresa-comunidade no âmbito local, carecem que seja estabelecido um mutualismo sistêmico ajustado com suas respectivas.

O artigo *A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – CONFLITO E VIOLÊNCIA* de Osvaldo Coggiola (USP) postula que a segunda guerra mundial tratou-se, para além dos elementos de continuidade da primeira guerra mundial, uma da prática de massacres em massa, de conflitos de caráter diverso, até qualitativamente diferentes, diferença caracterizada, justamente, pela crise econômica mundial e a existência (sobrevivência) da URSS, incluído seu fortalecimento econômico e militar na década de 1930. Para ao autor, foi, em primeiro lugar, o conflito militar mais sangrento de todos os tempos. Ele

envolveu as mais longínquas regiões do planeta, nos mares e na terra, na neve e no sol escaldante do deserto.

Este artigo “CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE INFORMALIDADE” de Eder cerqueira (UFT), discute o conceito de informalidade. Adota uma perspectiva crítica acerca do conceito de informalidade e da sua trajetória histórica, a qual lhe atribuiu significados plurais. Discute as novas expressões e a complexidade que este fenômeno assume na contemporaneidade e defende que sua caracterização deve-se muito mais a aspectos da conjuntura sócio-histórica de cada localidade do que de um conceito universal, aplicável indistintamente.

Welberg Vinicius G. Bonifácio da Universidade Estadual de Goiás (UEG), escreve em seu texto “A INVISIBILIDADE DAS RELIGIÕES AFROBRASILEIRAS NAS PAISAGENS URBANAS” uma breve discussão a respeito da presença de religiões de matriz africana nos espaços urbanos, tendo como foco a Umbanda e o Candomblé. Para o autor são expressões culturais que historicamente vivenciam estigmas e perseguições que provocaram sua invisibilização nas paisagens urbanas brasileiras. Tais estigmas resultam de práticas discriminatórias oriundas de setores hegemônicos da sociedade brasileira, em especial aqueles ligados as religiões de base cristã, que desde o período colonial se fizeram presentes de forma imponente nas paisagens urbanas e construíram também discursos de "demonização" das religiões negras, o que fomenta o preconceito e a marginalização dessas religiosidades.

Por fim agradecemos a todos os autores que conferiram a nós confiança para publicação de seus trabalhos e paciência na espera das avaliações. Temos clareza de que os textos publicados trazem uma variedade de debates. Assim desejamos a todos os leitores uma boa leitura!!

Marciléia Oliveira Bispo

Editor